

O preço da expansão norte-americana

O diretor da Área Externa do Banco Central (BC), José Carlos Madeira Serrano, afirmou ontem, no Rio, que o problema da limitação das taxas de juros dos empréstimos aos países endividados é menos dos bancos do que das autoridades americanas. Serrano desembarcou no aeroporto do Galeão em companhia do presidente do BC, Affonso Celso Pastore, que fez conexão direta para São Paulo em outro voo. Ele e Pastore tiveram encontros em Washington com o presidente da Reserva Federal (banco central dos Estados Unidos), Paul Volcker, e outras autoridades, a quem levaram a preocupação do Brasil com as altas taxas de juros.

"Os bancos credores", disse o diretor do BC, "intermediam recursos, capacitando às taxas que são praticadas no mercado e as re-

passam aos tomadores de empréstimos. Isto não quer dizer que eles não devam também ter a sua cota de sacrifício, reduzindo ao mínimo as comissões de intermediação, os 'spreads' e custos desses empréstimos. Mas as taxas básicas de juros, que é o que está realmente assustando o mundo, são um problema da responsabilidade do governo dos Estados Unidos", segundo informou a Agência Globo.

POLÍTICA DOS EUA

Segundo Serrano, se de um lado a economia americana está em crescimento, e com isso a demanda de crédito aumenta, causando, como consequência, a elevação das taxas de juros, por outro representa um aspecto favorável ao Brasil e aos demais países em desenvolvimento, porque isso contribui para incrementar suas exporta-

ções. No seu entender, no entanto, a política fiscal americana "precisa ser devidamente policiada".

"Não é possível convivermos com esse déficit fiscal dos Estados Unidos, financiados a base do incremento das taxas domésticas de juros, com todas as consequências deploráveis para o mundo. Levamos nossa preocupação às autoridades americanas, as quais fizemos ver a necessidade de uma pronta ação do governo dos Estados Unidos para evitar que amanhã tenhamos uma situação de colapso mundial", acentuou.

Para Madeira Serrano, o comportamento da taxa de juros não fornece uma previsão segura quanto ao que poderá ocorrer. Ele salientou que a expectativa nos Estados Unidos é de que os juros deverão subir ainda um pouco mais, e isso, na

sua opinião, implicará uma maior dificuldade para o Brasil e os demais países devedores poderem saldar seus compromissos. "Esse é o grande tema em discussão em todas as reuniões e em todos os fóruns", disse.

Finalizando, o diretor da Área Externa do BC acrescentou que a negociação entre credores e devedores é um processo que está em marcha, contando agora com o apoio político a nível de presidentes da República de países latino-americanos, referindo-se ao protesto contra a elevação das taxas de juros feito em conjunto por Brasil, Argentina, México e Colômbia. "Esse é um fator extremamente positivo nessas negociações e deve funcionar como elemento de pressão para que os Estados Unidos vejam realmente a necessidade de alterar a sua política."